

POR QUE NÃO CONSIGO ENSINAR COM TECNOLOGIAS NAS MINHAS AULAS?

Gabriele Silva Carneiro Batista¹

ALVES, Elaine Jesus. Por que não consigo ensinar com tecnologias nas minhas aulas [recurso eletrônico] / Elaine Jesus Alves - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. 115 p.

A presente resenha propõe analisar, de maneira descritiva e crítica, o livro “ Por que não consigo ensinar com tecnologias nas minhas aulas” escrito por Elaine Jesus Alves, essa obra foi resultante dos seus estudos de doutorado em Ciências da Educação, especialidade de Tecnologia Educativa, realizado no Instituto de Educação da Universidade do Minho - Braga, Portugal e, também, de um pós-doutoramento na mesma especialidade realizado pouco tempo depois com a finalidade de afinar e testar o modelo proposto para a formação continuada de professores em literacia digital, intitulado “Formação Integrada, Permanente e Integrada para a Literacia Digital” (FIPELD).

No prefácio, há uma chamada sobre a importância de incentivar os professores, principalmente os que apresentam maior resistência, na integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação na Educação (TDICE) nas suas práticas pedagógicas. Neste cenário de dúvidas e inquietações a autora traz uma importante reflexão sobre as instituições formadoras que continuam a reproduzir nos cursos de formação docente um “modelo tradicional, vertical, rígido, voltado à transmissão de conhecimento”, quando os jovens do século XXI aprendem, agem e pensam diferente dos jovens do século XX.

Segundo a autora os jovens do século XXI ávidos usuários das TDIC, sendo cunhados com vários rótulos por diversos autores, contrapondo com as gerações anteriores à década de 80 do século XX, como: “nativos digitais” versus “imigrantes digitais”; “residentes” versus “visitantes” e “Gerações X, Y e Z”. Ela chama a atenção para vários equívocos que podem advir destas rotulagens, e que pelo fato de ter nascido no século XXI não significa automaticamente um “nativo digital”,

Essa obra traz uma linguagem clara e fácil de ser lida, tendo como principal propósito

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

E-mail: gabriele1977@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3443-3915>

aumentar a confiança dos educadores no uso pedagógico das TDIC. É um livro com grande riqueza teórica, assente em reflexões sobre estes novos tempos de aprofundamento da cibercultura móvel e ubíqua e seus desafios à educação e aos professores, trazendo ao debate ideias de autores com reconhecida investigação de mérito sobre estes temas.

A obra está apresentada em quatro capítulos e o formato que introduz a sessão é particularmente interessante, apresentando o conteúdo do mesmo, os objetivos, a finalidade e uma citação teórica na abertura de cada do capítulo. Ainda oferece o endereço da editora e solicita opiniões e comentários dos leitores sobre a obra, o que não é muito comum em livros científicos e técnicos.

O capítulo I, denominado “Porque a resistência do professor?” (p.21) O leitor é convidado a fazer uma viagem histórica para regressar ao início da história da escola para compreendermos as raízes da inserção das tecnologias na escola, motivações e interesses interligados. Este retrospecto responde à pergunta: Porque não consigo usar tecnologias interativas com meus estudantes? Na verdade, essa abordagem traz à tona um produto de toda uma geração que foi formada nos moldes tradicionais de “formação bancária” como discutia o sábio educador Paulo Freire.

Ainda neste capítulo, a autora esclarece que, quando falamos do “uso das tecnologias nas aulas”, não estamos tratando de usar o *Datashow* e projetar suas aulas em forma de slides de forma expositiva. No entanto, tratamos aqui de usar a tecnologia com os estudantes. Possibilitar que estes utilizem seus próprios dispositivos nas atividades em sala de aula ou mesmo interajam em redes sociais com objetivos educacionais. Nesta visão, as tecnologias são recursos para aprender e não apenas de ensinar como quando foram introduzidas nas escolas.

Já no capítulo II, denominado “Estudantes nativos digitais x professores imigrantes digitais” (p.46) contêm informações referentes aos fatores que influenciam a desmitificação dos rótulos dados aos jovens da geração atual, nem todos são nativos digitais. Após a descrição dos principais rótulos que especialistas deram aos jovens que estão em permanente contato com as tecnologias, são apresentados estudos que comprovam que embora estes jovens tenham facilidade no manuseio das ferramentas *web*, eles manifestam baixa capacidade de análise crítica das informações acessadas e necessitam de ajuda para filtrar, sintetizar e construir conhecimento. Estes estudos também constituem um alívio para os professores que buscam usar tecnologias com seus alunos.

Essa discussão desmistifica o rótulo de estudantes super especialistas em tecnologias. Isso significa que não precisamos ter medo de usar tecnologias com eles, pois embora tenham conhecimento técnico, na sua maioria, não possuem habilidades de literacia digital (capacidade de acessar, analisar, compreender e avaliar de modo crítico as mídias e ainda criar comunicações em diferentes contextos). Deste modo, o professor na era digital há de entender que não compete a ele ser o “difusor do conhecimento”, pois os meios tecnológicos já o fazem com certa eficácia. Antes precisa aprender a manipular a tecnologia e orientar os estudantes a manipularem para que ambos não sejam manipulados por ela.

No capítulo III, denominado “Modelo de formação docente do século XIX para professores do século XXI” (p.61) tem a finalidade de discutir sobre o modelo de formação hoje vigente nas faculdades e institutos formadores de professores. Os professores do nosso século estão sendo formados nos mesmos moldes dos professores do século XIX, numa concepção de transmissão de conteúdos em que o uso da tecnologia serve apenas como suporte para reproduzir informações ou repositórios de PDFs.

A autora ressalta que o cenário é fértil para a reprodução deste modelo conservador às futuras gerações de professores, considerando que a instituição escola/universidade resiste a mudanças. Além disso, o capítulo apresenta modelos de formação de professores que podem contemplar a preparação destes para a integração das tecnologias em suas práticas docente. E que esta qualificação deve significar para os professores ganhos não apenas em termos do seu próprio desenvolvimento profissional, mas, sobretudo, utilizar as tecnologias para proporcionar situações de aprendizagem inovadoras, envolventes, colaborativas junto a seus estudantes.

E para finalizar a obra o capítulo IV, denominado “Você pode integrar tecnologias nas suas aulas” (p.95) são apresentados dez passos que o professor interessado em usar o potencial das tecnologias em suas aulas pode tomar para iniciar uma mudança de postura e atitudes. Pois, uma formação para a literacia digital é constante e evolutiva. Não finda com uma experiência ou certificado de curso de formação. É um ciclo contínuo que avança à medida que o educador experimenta novos ambientes virtuais, novas ferramentas e aplicativos.

Nesse capítulo, foi reforçada a ideia de que o professor pode conseguir ensinar com tecnologias de forma interativa com seus alunos. O convite é que comece agora mesmo as suas pesquisas na área, leia artigos com experiências exitosas, procure um mentor para se

inspirar e prepare-se para tirar pleno proveito das potencialidades que as tecnologias podem oferecer nas suas aulas.

A discussão proposta por Elaine Jesus Alves mostra-se relevante e antecipa processos que aprofundaram situações nunca antes vivida na história da humanidade: as informações estão disponíveis na rede de internet e a escola não é mais o lócus privilegiado do saber. As pessoas, inclusive as crianças e jovens, têm em mãos a fonte das informações e podem além de acessá-las, editar, criar e compartilhar os dados, produzindo conhecimento.

Toda essa reflexão abordada pela autora nos leva a raiz do problema que se encontra na formação do professor que baseada na pedagogia tradicional de transmissão de conteúdos, reproduz essa prática quando vão lecionar. Se você educador está preocupado com essa situação e se pergunta porque ainda considera desafiador propor uma atividade com os estudantes que “ implique em usar um aplicativo em sala de aula, ou usar uma rede social para debates acadêmicos fora das paredes da escola” (p.19), certamente está leitura irá capturar sua atenção.

Deste modo, corroboramos com a autora, que o uso das TDIC com o aluno “delibera estudo, preparação, domínio da ferramenta e motivação do professor para ir além da tecnologia como suporte para reprodução de conteúdo” (p.20). Trata-se, portanto de uma perspectiva desafiadora porque exige muito do professor uma vez que implica em sair da zona de conforto e enfrentar desafios e mudanças de atitudes e crenças.

De forma geral, o livro transcreve a realidade vivenciada por muitos educadores que utilizam as tecnologias digitais com os estudantes, é mais uma obra e um guia para aqueles que desejam conhecer mais sobre a “literacia digital” e possibilidades para o uso das Tecnologias Digitais na Educação, principalmente sob um enfoque prático.

Ressaltamos que a obra tem um formato adequado, que propicia a leitura-estudo, servindo inclusive para uma autoaprendizagem. Sugerimos sua leitura para estudantes de graduações em licenciaturas no geral e interessados em compreender e aplicar as tecnologias em suas aulas nas situações de ensino e estratégias pedagógicas.

Outro fato que contemplamos foi o sequenciamento dos temas e seu diálogo teórico, acentuado por meio de uma pesquisa original de sua tese de doutorado e Pós-doutoramento em Portugal, o que permite ao leitor uma construção de pensamentos sobre a possível e desejada relação dos assuntos “nativos digitais” e “imigrantes digitais” com a capacidade de compreender que, quando trabalhado de forma correta, a axiologia poderá

antever, ajudar e planejar a tomada de decisão para a construção de um planejamento mais eficaz.

O livro traz uma provocante argumentação sobre o modelo de formação docente para o século XXI, que instiga o leitor em pensar em sua aplicação pessoal, imaginando: qual seria o resultado se esse modelo fosse aplicado por mim? Como seria o meu planejamento de aula, em longo prazo, se eu tivesse uma análise precisa da minha prática pedagógica com a tecnologia? Portanto, para uma maior profundidade do estudo vale a pena ler a obra original, com indicação na parte inicial da resenha.

Recebido: julho/2023.

Publicado: janeiro/2024.